

O USO DA ORTOPEDIA MENTAL COMO RECURSO PSICOPEDAGÓGICO: POSSIBILIDADES DE USO NA ESTIMULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE PROCESSOS COGNITIVOS EM CRIANÇAS DE 2º E 3º ANO

Fabrcio de Carvalho dos Anjos¹, Srgio Domingues²

Resumo: Neste escrito pretende-se a apresentao dos resultados da pesquisa: “o uso da ortopedia mental como recurso psicopedaggico: possibilidades de seu uso na estimulao e desenvolvimento de processos cognitivos em crianas de 2º e 3º ano”. Tal pesquisa trata-se de um projeto de iniciao cientfica selecionado e financiado pela FACISA/UNIVIOSA, atravs de seu programa de bolsas. O objetivo da referida pesquisa e testar a hipotese de que a Ortopedia Mental – tcnica de estimulao cognitiva proposta por Binet, organizada e utilizada por Helena Antipoff em seus trabalhos com crianas de baixo desempenho em testes psicolgicos – realmente cumpre aquilo a que se propoe: estimular e desenvolver funes cognitivas. Os resultados apontam uma melhora significativa no desempenho da maioria das crianas nos escores dos testes. Isso nos faz considerar a eficcia dos exerccios na estimulao das funes cognitivas; contudo, ainda se faz necessria a replicao desta pesquisa afim de obter maior objetividade dos resultados.

Palavras-chave: Educao inclusiva, Estimulao Cognitiva, Helena Antipoff, Ortopedia Mental.

Introduo

Neste escrito pretende-se a apresentao dos resultados de nossa pesquisa: o uso da ortopedia mental como recurso psicopedaggico: possibilidades de seu uso na estimulao e desenvolvimento de processos cognitivos em crianas de 2º e 3º ano. Tal pesquisa trata-se de um projeto de iniciao cientfica selecionado e financiado pela FACISA/UNIVIOSA, atravs de seu programa de bolsas.

¹ Psiclogo. E-mail: fabriciocab@hotmail.com.

² Professor do Curso de Psicologia – UNIVIOSA – Viosa – MG. E-mail: sdufmg@yahoo.com.br.

A Ortopedia Mental foi proposta por Binet e Belot, em de 1910. Tratava-se de uma série de exercícios simples com objetivo desenvolver e aprimorar capacidades sensoriais e cognitivas em crianças que, por algum motivo, se encontrassem aquém do desenvolvimento intelectual esperado para a sua idade. Dentre tais capacidades pode-se citar memória, atenção, observação, coordenação psicomotora e coordenação visomotriz. Os exercícios, porém, não atuavam sobre a estrutura mental da criança, mas apenas sobre capacidade funcional, tornando as capacidades mentais mais acessíveis ao controle consciente. Assim, os alunos seriam, de uma forma geral, preparados para a educação escolar.

Helena Antipoff, embasada nos pensamentos de Binet, Belot, Montessori e Descoedres desenvolveu seu próprio modelo de Ortopedia Mental, tendo utilizado seus exercícios em trabalhos com crianças de baixo rendimento em testes de inteligência. Neste trabalho pretendemos avaliar se a Ortopedia Mental possibilita que crianças alcancem melhores escores em testes psicológicos.

Material e Métodos

Esta pesquisa aplicada foi desenvolvida com 12 estudantes da Escola Estadual Padre Álvaro Correia Borges. Os critérios utilizados para a seleção do grupo de crianças a participarem do projeto foram: apresentar dificuldades de desenvolvimento no âmbito escolar, ter mais de 6 anos de idade e estar cursando o 2º e 3º ano do Ensino Fundamental. Rua D. Silvério, 28 bairro Nova Era, em Viçosa MG, 36570-000 – tel. (0xx)31 3892-7341.

A realização desta pesquisa foi dividida em três etapas:

- I. Coleta de dados acerca do estado de desenvolvimento cognitivo das crianças, realizada através da aplicação dos testes Matrizes Progressivas de Raven, Teste Gestaltico Visomotor de Bender e da ficha de observação desenvolvida por Helena Antipoff.
- II. Aplicação das técnicas de ortopedia mental.
- III. Reaplicação da avaliação da primeira etapa (ficha de observação e testes), a fim de constatar o impacto que os exercícios de ortopedia mental tiveram para o desenvolvimento das 12 crianças atendidas.

Resultados e Discussão

Neste tópico, nossa análise restringir-se-á aos dados obtidos pelos testes psicológicos de Raven e de Bender. Durante os trabalhos 3 das 12 crianças abandonaram a pesquisa, por terem sido transferidas da referida escola.

Abaixo, apresentamos os gráficos comparativos dos escores obtidos após a reaplicação dos testes BENDER e RAVEN. Sendo que para o Bender, foram utilizadas duas correções: a de Renè Sazzo e o Sistema de Pontuação Gradual (SPG). Os gráficos apresentam os resultados dos testes. Em cinza, a diferença de percentil alcançado por cada criança.

Gráfico 1- BENDER (SPG)

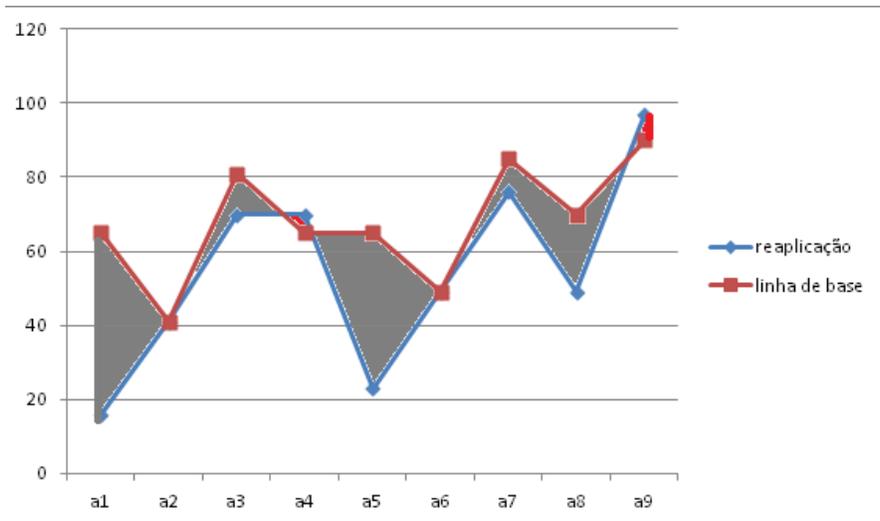


Gráfico representando a comparação entre os resultados obtidos no teste Bender mostra, em cinza, a melhora de pontuação obtida pelas crianças, e em vermelho, a piora nos resultados, em ambas as aplicações.

Devemos observar que no sistema de pontuação gradual de Bender, quanto menor a pontuação obtida, menor o número de erros e, assim, melhor o resultado obtido. Tendo isso em vista, podemos perceber que as crianças a1 e a5 foram as que apresentaram o melhor resultado. As crianças a4 e a9

apresentaram piora em relação à primeira aplicação. Os alunos a2 e a6, no entanto, não apresentaram alteração alguma na comparação entre as duas aplicações.

Gráfico 1- BENDER (Renè Sazzo)

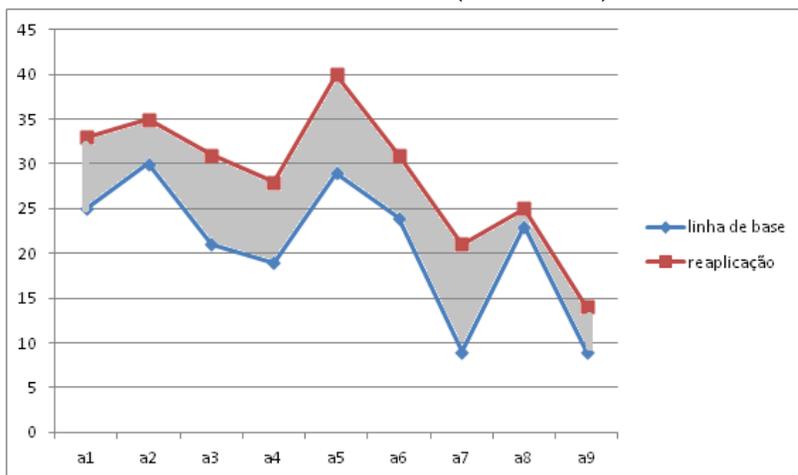
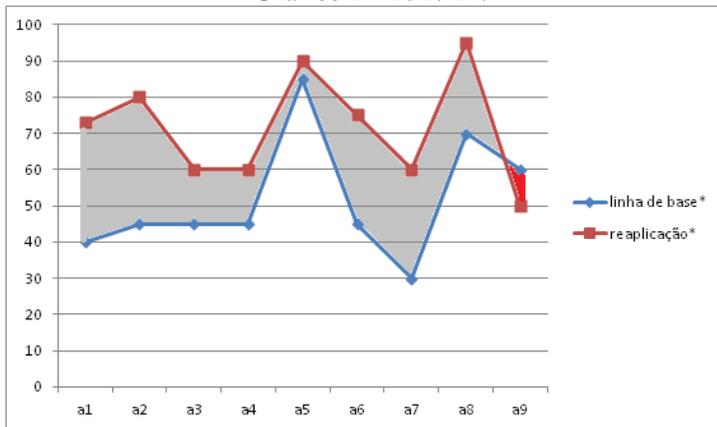


Gráfico representando a comparação entre os resultados obtidos no teste Bender, mostra, em cinza, a diferença de pontuação obtida pelas crianças em ambas as aplicações.

No teste Bender, com a correção de Renè Sazzo, todas as crianças apresentaram melhoras. Sendo que a8 e a9 apresentaram melhoras menos significativas. Porém, a crianças a8 já apresentava um escore próximo à sua idade cronológica e a isso se pode atribuir a causa da pouca alteração. Com relação ao comportamento, poucas queixas surgiram por parte do professor: o aluno sempre se mostrou calmo, carinhoso e bem humorado, inclusive nos grupos. Já a Aluna a9 apresentou, em ambas as aplicações, escores baixos a ponto de não nos permitir a correção de seu teste. Na reaplicação, percebemos uma melhora de pontuação, todavia, esta ainda manteve-se em nível muito abaixo do esperado para a sua idade. A professora não apontou melhoras no comportamento dessa criança.

As diferenças mais significativas ficaram a cargo das crianças a5 e a7 (ver análise adiante).

Gráfico 2 – RAVEN



O gráfico representando a comparação entre os resultados obtidos no teste Raven mostra, em cinza, a diferença de pontuação obtida pelas crianças em ambas as aplicações. Em vermelho, a diferença de uma das crianças que obteve resultado inferior na reaplicação do teste.

De todas as nove crianças, apenas uma (a9) obteve o segundo resultado inferior ao resultado da primeira aplicação. Percebemos, também, que a menor diferença está na criança a5, que passou de um percentil 85 para um percentil 90 (definitivamente, acima da média). Mesmo com seu alto percentil, essa criança permaneceu no projeto, pois a queixa principal da professora era sua falta de atenção. Segundo palavras da própria professora: “dentro da sala, é como se ela vivesse no mundo da lua, nunca ouve o que digo, não percebe quando é chamada, não consigo que ela aprenda, pois ela não presta atenção em mim”. Quase ao fim da pesquisa, tivemos o retorno, por parte da professora, de que a aluna encontrava-se mais atenta, principalmente a comandos verbais.

As maiores diferenças se deram entre os alunos a1, a2 e a7. Todos obtiveram um acréscimo igual ou superior a 30 pontos no percentil. Com relação à criança a7, foi possível perceber que em ambos os testes sua melhora é considerável. Essa criança fazia uso constante de Ritalina, sendo comumente indisciplinada, agressiva e desatenta. Não houve relatos de melhora em seu comportamento. A criança a2, segundo a professora, mostrava-se em sala de aula desatenta, desmotivada e desinteressada. Tais comportamentos também emergiram no grupo e permaneceram presentes até o término dos trabalhos.

É importante ressaltar que, na segunda correção dos testes, nenhuma criança se encontrava ainda na mesma idade de correção. Logo, avaliar que a diferença nos escores obtidos se deu apenas por uma maturação orgânica deve ser uma opção desconsiderada, pois a maturação já é prevista na correção dos testes.

Conclusões

Considerando que a OM foi desenvolvida por Helena Antipoff para melhorar o desempenho de crianças com baixos escores nos testes de inteligência de sua época, pode-se afirmar que a técnica cumpre o objetivo proposto pela autora, visto que os ganhos dos participantes nos testes psicológicos são visíveis e significativos.

Apesar dos resultados positivos que foram alcançados, estes não são conclusivos. Faz-se necessário a replicação do modelo desenvolvido por essa pesquisa (disponível como monografia), a fim de corrigir possíveis falhas de aplicação e para aperfeiçoamento dos exercícios.

Os resultados obtidos na pesquisa corroboram a retomada dos postulados de Antipoff, não mais em uma perspectiva histórica, mas sim com uma visão pragmática, almejando a criação de novas alternativas de análise e intervenção psicoeducacional.

Referências Bibliográficas

ANTIPOFF, Helena. **Educação do excepcional**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992. (Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff, Vol. III)

_____. **Fundamentos da educação**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992. (Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff, Vol. II)

_____. **Inteligência Civilizada**. Boletim Claparède – Edição especial 1929 – 1979, p. 34 – 36. Ibirité, agosto de 1979. Originalmente publicado no Boletim nº 07 da Secretaria de Estado da Educação do Estado de Minas Gerais em 1931d.

_____. REZENDE, Naitres. **Ortopedia mental das classes especiais.** Secretaria da educação e saúde pública – inspetoria geral de instrução – boletim nº 14, 1934.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). **Helena Antipoff: textos escolhidos.** São Paulo: Casa do Psicólogo; Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002. (coleção clássicos da psicologia brasileira).

DOMINGUES, Sérgio. **O conceito de excepcional na obra de Helena Antipoff: diagnóstico, intervenções e suas relações com a educação inclusiva.** Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da UFMG. 193f, 2011.

